

# O Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 12 de Junho de 1982 \* Ano XXXIX — N.º 998 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## AQUI, LISBOA!

É sempre com um misto de tristeza e de angústia, ao passarmos na Baixa da Capital, encontrarmos gente espojada nos passeios, às vezes invisuais, com crianças de tenra idade servindo de «isco». Não nos conformamos com tais situações, embora, na prática, nada ou quase nada possamos fazer. No dia que ficarmos insensíveis, porém, olhando mas

não vendo, será um triste sinal de demissão, o que desejáramos não sucedesse.

No dia em que escrevemos estas linhas mais uma vez sentimos a necessidade de retomar o tema e de desabafar. Não estarão as Autoridades motivadas para este tipo de problemas? Os expostos nas vias públicas, sejam de que idade ou natureza, deveriam interpellá-las e a todos em geral, implicando atitudes concretas. Os exploradores, os oportunistas e os mendigos profissionais não devem ser tolerados; os casos autênticos de carência ou de miséria merecem soluções adequadas, com medidas de internamento ou de socorro apropriadas. Os primeiros a exigir tratamento policial, se for caso disso; os segundos, a pedirem a assistência dos Serviços Sociais.

Temos nesta Casa do Gaiato cerca de 120 jovens. O cansaço e o desgaste resultantes deste tipo de trabalho, apaixonante mas demolidor, ter-nos-ão colocado já à beira do colapso. Entretanto, não se vislumbram no horizonte cireneus de ambos os sexos, sacerdotes ou senhoras, que queiram, sem restrições e de maneira efectiva, deixar-se consumir, a pouco e pouco, ao serviço dos irmãos mais pequeninos e não só. Diríamos mesmo, se ambicionarmos ser sinceros e autênticos, que isto é uma questão vital de e para a Obra. Sofismar ou esconder a realidade é uma maneira de mentir, o que não queremos.

Nos nossos registos, relativos a 1982, constam já cerca de 90 pedidos de admissão. Nunca vimos tanto a necessidade da Obra, apesar duns certos senhores(as), logo após Abril de 1974, dizerem para os nossos pequenos vendedores do Jornal que «isso agora vai acabar» ou «essa instituição já não é precisa, que o Estado vai tomar conta de tudo». Não há dúvida que o paraíso prometido já chegou ao inferno e não nos admiraríamos que, entre os nossos ultimamente admitidos ou apresentados para o serem, eventualmente, se encontrem alguns filhos desses referidos senhores(as)...

Algumas Associações Privadas de Solidariedade Social foram seriamente afectadas pelos tempos. Em certos casos

apareceram uns «salvadores» para tudo destruírem. Do lado oficial a situação, infelizmente, não é nada brilhante. A técnica é precisa e deve ser posta ao serviço do homem, mas só por si pouco vale. Já Dickens dizia que «mais vale um coração que ama do que uma inteligência que só sabe pensar...» Ora, é patente que falta o coração em muita gente e em muitos lados. Palavras, palavras e mais palavras, isso sim, abundam, o que é, aliás, fácil.

Técnicos mandatados por uma Misericórdia do centro do País procuraram-nos um dia destes para uma troca de impressões em ordem à fundação de uma Casa de Rapazes. Falámos com simplicidade da nossa experiência, mas fomos dizendo que, sem pessoas capazes, por melhor que viessem a ser as futuras instalações, e há dinheiro para isso, tudo redundaria em fracasso. À mesma hora, pessoa que muito estimamos, telefonava-nos a solicitar que pegássemos numa conhecida instituição particular oferecida ao Estado!

Nós não temos estatísticas capazes, como todos sabem. Em Portugal não é possível estimar números. Entretanto, um relatório da ONU diz-nos

Cont. na 4.ª página

## PARTILHANDO

● O Félix avisou-nos já de que está na idade de ganhar... «Juízo, em primeiro lugar!» — dissemos-lhe nós. Mas ele não gostou e protestou que outros como ele já ganham. Como ele, só ele! Em direitos, ele é o primeiro. Nas obrigações prefere o último lugar. Os outros — um trampolim para seu ganho. Assim é que não! O Félix também tem qualidades! É verdade. Mas até as qualidades, nele, parecem defeitos. Não tanto por maldade, mas por fraqueza...

Se o Félix ganhar juízo, terá todos os direitos dos outros... E nós, o direito à Esperança. Isto é o Félix de hoje. O de amanhã terá que ser bem diferente, para bem de todos.

● O Bento é o refeiteiro das senhoras. É atencioso e amigo de todos! Nos últimos tempos tem andado com a cabeça meio «grilada». São os grilos dele! Numa caixinha de papelão com janelas pequeninas, junto à grande janela da salinha das senhoras, está o seu grilo. Um canta e outro ri. É uma alegria!

Dava-lhe folhas de alface para comer, mas agora não. «As verduras da folha entopem-lhe os intestinos» — diz o Bento. Uma descoberta! Uma

patente para ele... Agora, dá ao grilo pétalas de rosa. «É o que ele gosta!» — diz ainda o Bento. Ora vejam lá que alimentação tão poética! É por isso, talvez, que os grilos aqui cantam tão bem! Desde os tempos de Pai Américo, até hoje, que as descobertas sobre os grilos são sempre novas...

Mas o Bento veio trazer-me uma notícia triste. Este era o segundo grilo e roubaram-lho — como fizeram ao primeiro. Tristes, o Bento e eu. Deixámos quase de falar um para o outro, porque nos faltou o assunto de conversa de todos os dias. O grilo! Deixou de cantar... O Bento ficou mais triste e o serviço da salinha das senhoras já não corre como corria quando o grilo cantava! Temos que encontrar o ladrão do grilo, se não a loiça vai-se partir toda!

Que ladrões de grilos!...

● O «Shéu» pediu um companheiro para a venda do nosso Jornal, à sexta-feira. Vendia 400 jornais, sozinho, nos Bancos e Correios. E que poderia vender 600 e tal jornais, se alguém o viesse ajudar. Foi o Paulo Neves escolhido. Já veio três vezes ao Porto, em aprendizagem. E de

Cont. na 4.ª página



Os casos autênticos de carência ou de miséria merecem soluções adequadas...

## CANTINHO DOS RAPAZES

Com a Palavra de Deus é assim: a gente passa e repassa e de vez em quando «tropeça» onde antes não achara motivo de parar.

Desta feita foi no versículo 40 do capítulo 10.º dos Actos dos Apóstolos: «Deus ressuscitou Jesus (...) e permitiu-Lhe manifestar-Se, não a todo o povo, mas às testemunhas anteriormente designadas por Deus, a nós que comemos e bebemos com Ele depois da Sua Ressurreição».

O sublinhado é meu. Aqui está o que despertou o meu reparo: uma realidade tão trivial, tão humana — comer e beber — a distinguir os desi-

gnados por Deus para testemunhas da Ressurreição.

De resto, o Senhor, em uma das Suas aparições, para dissipar dúvidas entre os Seus, pede de comer e come pão e uma posta de peixe, à frente deles. Aos discípulos de Emaús, depois de um longo discurso do Companheiro desconhecido sobre as Escrituras, só se lhes abrem os olhos e o entendimento, em casa, à mesa quando Ele parte o pão.

Nem admira! Jesus é «o Pão da Vida»; é «o Pão Vivo descido dos Céus». Desde a véspera da Sua Paixão nos deixou na matéria do pão e do vinho um modo da Sua Pre-

sença Real e o convite a que a formalizássemos até ao fim do tempo: «Fazei isto em memória de Mim».

No Cenáculo a mesa foi Altar, lugar sagrado onde o Mestre instituiu e partilhou o Sacramento. Mas, em toda a simples refeição do nosso sustento, pode e deve ser um lugar muito sério de intimidade. O Autor dos Actos caracteriza esta intimidade com o Senhor ressuscitado, apenas proporcionada às testemunhas anteriormente designadas por Deus, exactamente pela comunidade de mesa com Jesus: «Nós que

Cont. na 4.ª página



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**TRABALHO** — Desde que entra em nossa Casa, o rapaz é educado para o trabalho, como quem brinca. O caso dos «Batatinhas»... Começam por tarefas pequenas, simples. Depois, com o passar dos anos e o aumento do sentido da responsabilidade, executam tarefas mais importantes. E, no momento adequado, escolhem a sua vocação profissional. Entram para uma das nossas oficinas, onde aprendem e se valorizam na arte preferida.

Chegada a devida altura, já emancipados, eles partem para o mundo. Empregam-se e começam a trabalhar lá fora. Entre os últimos, lembro o Costa, agora fotocompositor na ASA. Rafael, impressor *offset* na mesma empresa. E Humberto, compositor mecânico no *Jornal de Notícias*. Num lado e noutro temos um grupo de artistas gráficos que aprenderam as noções fundamentais aqui, na nossa oficina.

Há, também, carpinteiros e serralheiros que fizeram a sua aprendizagem nas oficinas da nossa Aldeia e têm sido colocados na Indústria, como homens válidos.

Outros há que, entretanto, frequentam cursos de formação acelerada no Serviço Nacional de Emprego.

Damos o gosto pelo trabalho para que o rapaz se realize na sua profissão. E, amanhã, seja um trabalhador honesto e bom chefe de família.

**ESCOLAS** — Aproxima-se o fim do ano escolar. Quando esta edição chegar à mão do leitor já terá acabado o último período. Os que aproveitaram e transitam para o ano seguinte, estão tranquilos. Os que ainda não, fazem um último esforço para atingir a meta.

Em nossa Aldeia tudo é expectativa. Quem passará ou ficará para trás? Eis a questão!

**PEDIDO** — Na secção de expedição de O GAIATO — como em toda a nossa vida — o trabalho é feito por nós. Mas, além do mais, este é um sector da nossa Obra onde o serviço deve ser feito com cuidado, uma vez que o ficheiro de O GAIATO soma já um total de quase 30.000 assinantes.

Porém, neste momento, temos necessidade de mais uma máquina de escrever, para preenchermos as respectivas fichas de assinantes que surgem todos os dias, de todo o lado. Se o leitor tiver uma máquina encostada, da qual já não faça uso, aqui servirá perfeitamente.

**VISITANTES** — Chegou o tempo do calor e dos passeios. O sol convida para o ar puro do campo ou da praia.

É nesta altura que a nossa Aldeia está cheia de visitas: excursões escolares ou paroquiais de todo o País. Não falando já de grupos familiares e visitas pessoais.

As pessoas gostam de nós, pela maneira como vivemos o nosso quotidiano, como nos transformamos lentamente em homens para o futuro.

É sempre bom sermos visitados. A Obra dá-se a conhecer em todo o seu ser e expande-se no coração das pessoas.

Venham sempre!

**FUTEBOL** — Defrontámos o Grupo Desportivo das oficinas Elídio Barbosa da Silva, de Paredes, no dia 29 de Maio. O resultado foi um empate 2-2.

Alinhámos com a seguinte equipa: François, «Perna-Longa», Teixeira, Henrique, José Carlos, Manuel Abílio, Godinho, «Campanera», Costa, Miguel e Mário. Equipa desfalcada de Carlos Alberto, Morgado e Tô-Zé.

Renovamos, uma vez mais, o pedido a grupos desportivos que queiram defrontar a nossa equipa. Aguardamos a vossa visita.

**DESPEDEDA** — Durante várias

quinzenas assinei a crónica de Paço de Sousa com a alcunha «Régua», sendo o meu nome Júlio António Brito Fernandes.

Chegou o momento de me despedir dos leitores, pois vou tirar um curso de Electricidade-Auto, não me sendo possível continuar a dar notícias da nossa Aldeia.

Foi uma experiência nova escrever para o «Famoso»! Foram grandes as dificuldades; mas, com esforço, lá foi saindo, quinzena após quinzena, a crónica de Paço de Sousa.

É, pois, tempo de me despedir daquelas pessoas que não me conhecem ou só me conhecem pela alcunha.

Desejo felicidades para os nossos amigos leitores. E um abraço para todos.

«Régua»

## Setúbal

**«BATATENHAS»** — Outra vez os «Batatas». Desta feita foram o Rui-zito mai-lo «Choné». O primeiro é muito vivo. O segundo atrasado.

Desta vez violaram o quarto do sr. Director! Sr. Padre Acílio deixa a porta encostada. Lá dentro costuma haver uma guloseima prós mais pequenitos que a todo o momento o acompanham.

Desta vez os detidos entraram sozinhos e surrumpiram todos os rebuçados e mais não sei quê. O próprio «Té», o rei dos «Batatas», me esteve a descrever a façanha dos seus colegas.

Se o quarto estivesse fechado à chave, não haveria esta oportunidade de chamar à pedra os faltosos. Eu não sei qual foi o castigo, mas outras tentações virão p'ra estes e p'ra outros. Sem elas não se podem contar as varas que não prestam, para que a cepa possa dar fruto. O nosso dia-dia seria de podas constantes nesta e naquela videira. Assim nós tivéssemos disponibilidade e paciência.

**FESTAS** — A hora que escrevo, já foram algumas. Primeiro em Palmela, depois Setúbal, Quinta do Anjo e Samouco. Em todas sentimos calor. Nós somos uma colmeia. Cada um tem a sua missão de obreiro desta colmeia. Os actores de um lado, as plateias de outro. O calor e o brio dos que no palco fazem esforço para que tudo saia o melhor possível. A alegria e o vibrar dos que nas plateias não perdem nada do que se passa no palco. Somos uma colmeia. Os obreiros são aqueles que trabalham nela e por ela.

Ainda falta visitar Vendas Novas, Pinhal Novo, Amora, Alcochete e não sei se mais. Queremos que, como nos outros lados, a Festa dos Gaiatos seja uma chama que se propague para bem da Pomba Branca que é o nosso cenário.

Entre muitos dos nossos que já saíram e que foram à nossa Festa de Setúbal, um houve que se destacou. Foi o Pedro. Veio de propósito de Lisboa para assistir à nossa Festa. Ele tem algo que o puxa, que o prende à nossa colmeia. Outros, cada um à sua maneira, sentem o mesmo. So-

mos uma Família que vai crescendo e que vai alargando os seus ramos.

**OBRAS** — A casa três já dá um ar do que vai ser. Divisões, feitas, esperam, agora, pelos acabamentos. Sr. Padre Acílio foi por madeira a Lisboa. Um ror dela. Um ror de dinheiro. Ele andou a botar abaixo eucaliptos para a celulose, mas não dá prã troca. Os mosaicos e os azulejos ainda não vieram. As tintas e os vernizes também não. É mais p'ra ferragens, mais p'ra isto, mais para aquilo. Tu sabes o que custam os acabamentos duma casa!...

**RODOPIO** — Eu estava na salinha das senhoras. Era a hora, retardada p'ra elas, de jantar. Vinha um porque queria a bola que estava na rouparia. Outro, pela chave da despesa. Outro, p'ra lembrar que precisava de curativo. Uns entravam outros saíam, mediante o «mau humor» que as senhoras impuseram aos seus meninos. Ser senhora nas Casas do Gaiato tem destas coisinhas.

## SER FELIZ

Sou feliz

Quando encontro  
Num desconhecido  
Um grande Amigo!

Sou feliz

Quando faço rir uma criança  
Que chora  
Perdida esperança!

Sou feliz

Quando conquisto harmonia  
E o direito de ser  
Dos Outros alegria!

Sou feliz

Quando descobro  
No cano duma espingarda  
Um companheiro delicado!

Sou feliz

Quando um ser humano  
É fiel  
E bondoso mano!

Sou feliz

Quando luto  
Contra a injustiça  
E a mentira!

Sou feliz

Quando evito a fome  
A morte...  
E a traição!

Sou feliz

Quando ajudo um coração  
A ser mais livre  
Próspero e contente!

Sou feliz

Quando semeio  
Paz e compreensão  
Com sinceridade e afeição!

Sou feliz

Quando rezo a Joana d'Arc  
P'ra que ajude os Oprimidos  
Em horas de gritos!

Manuel Amândio

Que ninguém julgue que pode descansar com toda esta tropa!

Ernesto Pinto

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Os problemas que temos em mãos exigem presença regular — substancial.

São doentes com remédios e consultas e *taxas moderadoras* que sacrificam bolsas sacrificadas.

São outros, também com *baixa*; a mesa da prole posta duas vezes por dia e o subsídio não vem logo.

— *F. adoeceu. Não pode trabalhar. Não tem p'ra comer...*

Acudimos.

São as Viúvas mai-lo seu calvário. E, ainda, os mais prostrados, sofrendo doença incurável.

— *F. precisa duma cinta. Não pode passar sem ela...*

— Quanto custa?

— *A volta de três contos...*

Mal se dá fé de como os doentes pobres incuráveis dão a vida ao Senhor! Os dramas e as angústias que desabam sobre o nosso Padre Baptista!...

— *A gente não aganta...! São os rumédios. É a comida. Tudo tão caro! E se fosse prò spital?...*

— Não o aceitavam...!

— *Botem a mão q'a gente não aganta!*

E o mundo gira no seu afã...

● A moradia onde vivem, para um ou dois, tem hoje muito mais gente — estão uns sobre os outros.

— *F. comprou material para aumentar a casa. Não tem mais nada para fazer a obra. Vamos dizer que espere um pouco?*

A interrogativa do recoveiro dos Pobres. Agora, testemunhada pelo interessado:

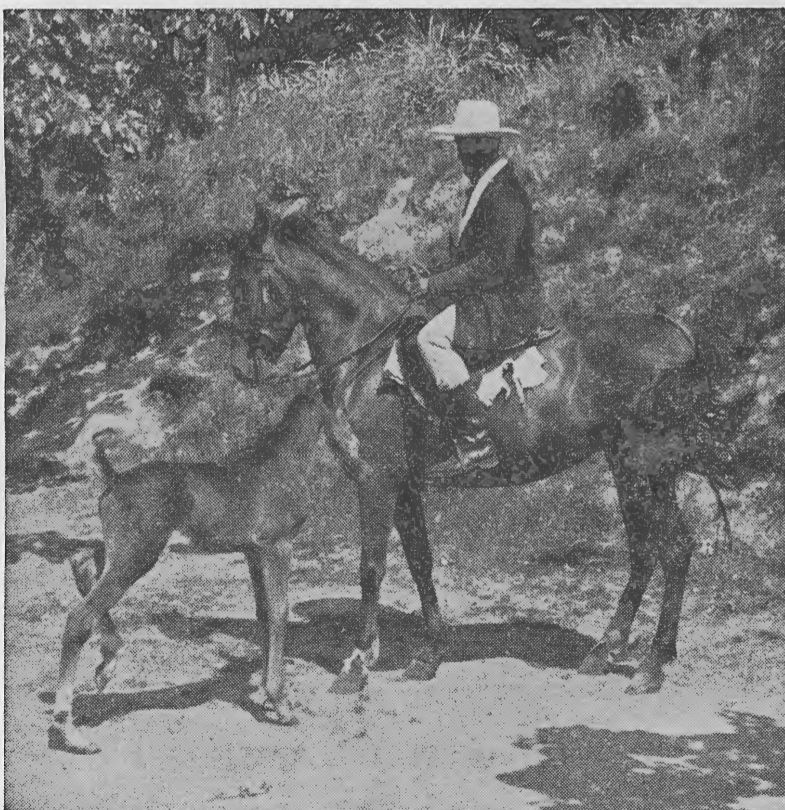
— *Assim, como a gente está, não podemos viver... V. ajudem naquilo que puderem. Temos o material; só precisamos de um dinheirinho p'ra levantar as paredes.*

Quem levanta o braço?

● O vicentino rejubila, sempre, com benefícios em prol dos Sem-voz. Ainda que eles custem os olhos da cara!

Aí vai uma notícia para os Auto-construtores, publicada na grande Imprensa:

«(...) Considerando a importância do sector de habitação, designadamente os pedidos de crédito para construção de habitação e compra de casa própria, que têm sido superiores aos montantes de todo o crédito disponível (estupendo indicador!...), «e tendo em conta o papel fundamental que a indústria de construção desempenha na economia nacional», foi decidido «estabelecer um conjunto de critérios intra-sectoriais de selectividade de critério à construção e aquisição de habitação».



A nossa égua teve um cavalinho. Que lindo! No dia — como já referimos — foi uma romaria! — Venham ven...!





Assim, afectar-se-á, preferencialmente, o crédito às habitações de menor custo, com base no menor custo da construção por metro quadrado e o valor limite do empréstimo.

Serão privilegiados os custos por metro quadrado até 20 contos, e valor limite do empréstimo de 1600 contos, seguindo-se-lhe um grau de preferência entre 20 a 30 contos e valor limite de 1600 a 3500 contos.

Para além destes limites será difícil obter crédito bancário. A hierarquização das preferências ao crédito será revista periodicamente por prazos não superiores a 3 meses.

Na hipótese de alguns pedidos de crédito não poderem ser satisfeitos num determinado período, serão considerados preferenciais, em igualdade de circunstâncias no período seguinte.

Quem dera, pois, melhor critério, mais justa e eficaz na concessão do crédito. Está em causa a Família...!

Os gestores das finanças do País não tenham medo da inflação. Concretamente na região em que estamos inseridos, na generalidade dos meios rurais, as moradias em regime de Auto-construção quase não movimentam massa salarial, como é óbvio; a não ser em trabalhos muito especializados. Também nestes, há quem consiga ajuda de familiares e amigos... Do alçerce ao telhado, qual milagre de fraternidade humana e espiritual — até ao heroísmo!

**PARTILHA** — Em vale de correio, 500\$00 da Régua. O dobro de Lisboa, por cheque, em resposta a um apelo feito nesta coluna. No entanto, sublinha esta Amiga, «se já não for preciso, seja para outra qualquer necessidade da Conferência». E são tantas!

«Pequena migalhinha» de Oeiras; «pouco, eu sei, mas é de boa vontade. Jesus bem o sabe».

Um Amigo que não falha, manda cheque para «a mensalidade de Maio», 500\$00 de «uma portuense qualquer», «migalhinha referente ao mês de Abril, acrescida de um pouco mais, a lembrar a alma de minha Mãe, no seu aniversário natalício».

De Coimbra, 300\$00 «para aquilo que for mais necessário. É para sufragar a alma de meu querido Pai. Se fosse vivo, faria 79 anos».

Mais 200\$00 da Rua Rodrigues Sampaio «para ajuda da compra de remédios» — que estão muito caros. E uma nota de mil, em vale registado, para ser entregue a um «soldado da paz que se encontra doente».

Covilhã: «Segue um vale de 6.000\$00 para a Conferência».

Tantas vezes leio n'O GAIATO as necessidades dos vossos Pobres e todas as ajudas que são precisas, que, ao reencontrar um dinheiro perdido, dei-lhe — segundo as vistas de Deus — um bom destino. Tinha formulado a intenção de, no caso de encontrar o dinheiro, mandar a maior parte para a vossa Conferência. Ainda bem que o perdi!»

Um velho Amigo da Calçada da Póvoa, Porto, 500\$00. Idem «por alma de Gonçalo Pinheiro». Casal-assinante 17022, o costume: 200\$00. Albergaria-a-Velha, 500\$00 da assinante 25231. Oliveira do Douro, assinante 9790, o mesmo, recomendando uma «oração ao Céu para que Deus nos ajude a viver a Mensagem que o Santo Padre teve a bondade de nos trazer, e que essa Mensagem seja para todos nós uma orientação prática e constante do nosso dia-a-dia».

Por fim, um Vicentino lisboeta —

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

A procissão continua em bom ritmo. São colunas de peregrinos, todos de mãos dadas e alma cheia!

«Como gostava de ler assiduamente o vosso Jornal, coisa que nem sempre é possível — pois quase nunca encontro os pequenos vendedores — resolvi tornar-me assinante.»

É o dístico de uma Tripeira. Agora, um Tripeiro:

«A vossa Obra sempre me mereceu o maior carinho e admiração, graças à alma bondosa e forte do Padre Américo e dos seus continuadores. Deus vos ajude.»

É meu hábito ler um pouco os jornais regionais e desta cidade, mas O GAIATO mereceu-me sempre uma certa simpatia, não só por fazer parte dessa Obra, mas, porque em tempos um pouco recuados escrevia coisas simples e de grande valor humano, o que numa maneira geral os grandes diários pouco diziam.

Se fosse possível, gostaria que esse belo jornal fosse enviado à Biblioteca do Clube...»

O nosso Padre Carlos, sempre que pode — como subli-

nhou na última edição — leva o pregão de O GAIATO às comunidades de base; agora, na outra banda do Tejo. Recentemente, colheu por lá mais de trezentos novos assinantes! Eles não escondem nem guardam só para si O GAIATO! Transmitem a boa-nova a outros — com muito amor. Aqui está um, da Cova da Piedade:

«Sou leitora assídua do vosso Jornal. Gosto muito de o ler, pois foca assuntos que todos devemos conhecer. Ele tem-me ajudado a recordar o bom coração do querido Pai Américo.»

Além de ler O GAIATO também o tenho divulgado. E é por isso que hoje estou a escrever, pedindo duas novas assinaturas...»

Entre as bandeiras que tremulam na procissão, há delas que saltam mais à vista pela sua profundidade espiritual.

Ilhavo:

«O GAIATO dá-me um bocadinho de paz e luz neste mundo de egoísmo.»

Peço a Deus que vos dê coragem para continuarem essa Obra admirável de fazer bem

que aparece sempre na hora H — exuberante, também, com a visita de João Paulo II:

«(...) Não sei o que mais me entusiasma: se os jovens que aos centos de mil encheram, a transbordar, o Parque Eduardo VII em Lisboa, se a fantástica e frenética multidão de jovens que ocuparam, no Porto, toda a Praça de Liberdade, a Avenida dos Aliados, a Praça Humberto Delgado e ruas afluentes, se a «malta» estudantil de Coimbra.»

Te Deum Laudamus!

Foi tudo uma graça tão grande para todos e cada um de nós, que do meu coração brotou a necessidade de concretizar a minha acção de graças. Como vicentino, lembrei-me que a melhor forma de o fazer seria acorrer em auxílio de algum Irmão necessitado. Para o efeito junto uma pequena lembrança que aplicará como entender melhor.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

As ofertas deverão ser dirigidas à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, Casa do Gaiato, Paço de Sousa.

Júlio Mendes

**BEIBE**

**OBRAS** — Como já aqui referimos, o nosso pavilhão ainda está em obras. Quando ficar pronto, vamos começar nas capelas da Casa do Gaiato e do Calvário; mudança de telhas porque as que estão nos telhados estão velhas e precisam de ser mudadas; assim como nós quando temos a roupa suja ou molhada va-

mos logo mudá-la, com os telhados é na mesma.

**AGRICULTURA** — Temos o milho quase semeado. Só faltam dois carpos para sementeira completa. Um deles está com erva por cortar e o outro já não, mas falta arrumá-la para a eira e ser levado para o milho.

Há dias, houve uma grande geada que nos queimou as batatas e a vinha. É pena! Lá se vão o vinho e as batatas! Só Deus é que manda...

**MORANGOS** — O nosso morangal continua carregado de frutos! Todos os domingos comemos morangos — e como sabem bem! Mas é preciso tratar deles. É isso mesmo que faz o Mota: sulfata e colhe-os para todos os comerem na mesa.

Eles vieram da comunidade de Paço de Sousa. Foi o Fernando Dias que os trouxe.

Aqui ficam os nossos agradecimentos.

**HORTA** — A neve queimou as batatas, o vinho e também os tomates que tiveram que ser substituídos por outros novos — o que deu bastante trabalho. Vamos lá a ver se estes dão alguma coisa. Eu penso que sim. Oxalá Deus não mande mais neve senão estraga-se a sementeira toda e depois não temos nada!

**MEMOS** — Um dia destes encontrei o nosso Tó a dar mimo à nossa pata. Estava a acariciá-la. Punha-a no colo, parecia um bebé! Foi pena não ter, naquele momento, uma máquina fotográfica, que eu tirava uma fotografia para os nossos Leitores!

«Palhaço»

jornal pacífico. Ocupado como anda com os trabalhos da Paz, nem sequer dá fé da guerra; e nunca fala de guerras. Nós queremos a Paz!» — acentua Pai Américo.

A verdade é que, dizem as estatísticas; se todas as nações deixassem a vertiginosa corrida aos armamentos, a fome desapareceria da face da Terra!... Seria o grande milagre da Paz!

A procissão avança, cada vez mais numerosa! Tantos peregrinos! Vamos procurar referir a proveniência de todos eles: Almada, Loures, Matosinhos, Oldrões, Maia, Évora, Fafe, Ermesinde, Vila Nova de Telha, Linda-a-Velha, Vila Franca de Xira, Cascais, Parede, Coima, Alhandra, Trofa, Cucujães, Madalena (Gaia), Paredes, Águas Santas (Maia), Vilar Formoso, Valbom (Gondomar), S. Mamede de Infesta, Torres Novas, Amarante, Rebordosa (Paredes), Guimarães, Póvoa de Varzim, Lourosa, Carvalhos, Moselos (Lourosa), Sandim (Carvalhos), Grijó, Fiães, S. Paio de Oleiros, Montijo, Castelo Branco, Coimbra, Alfeite, S. Cosme (Gondomar), Argamil, Amadora, Seixal, Cruz de Pau, Torre da Marinha, Caparica, Queluz, Rio de Moinhos (Borba), Porto e Lisboa muitos deles. E de além fronteiras: Maputo (Moçambique), Nepean (Canadá) e Lausanne (Suíça).

Júlio Mendes

### Retalhos de vida

## O «Ruilhe»



Sou o João Carlos da Silva Couto. E como em nossa Casa é hábito **baptizarem-nos** com alcunhas que façam alegria a comunidade, a mim calhou-me «Ruilhe» porque nasci em Braga, a 22 de Maio de 1971. Desde pequenino, e até vir para a Casa do Gaiato, vivi em Este-Ruilhe; e assim fui **baptizado** com a alcunha de «Ruilhe» de que, na verdade, gosto muito, por ser o local onde passei alguns anos da minha infância.

Vou contar para todos os queridos Assinantes de O GAIATO porque entrei na Casa do Gaiato:

Em minha casa não podia ficar por muito mais tempo, devido a meu pai ser paraplético; e minha mãe com a idade que tem e cheia de problemas, resolveu entregar-me na Casa do Gaiato, onde fui recebido pelas mãos carinhosas do sr. Padre Telmo, onde presentemente me encontro bem, graças a Deus.

Estou a frequentar o 1.º ano da Telescola e, nas horas de folga, trabalho na secção do Jornal, onde é uma dor de cabeça, pois são milhares de Assinantes de toda a parte do mundo, onde chega o nosso «Famoso». Nós muito gostamos saber que por todo o mundo há muita gente que gosta da nossa Obra!

Quando for maior quero ser tipógrafo, pois tenho muito gosto pelas Artes Gráficas.

Para terminar estes pequenos retalhos da minha vida, envio para todos os Assinantes do «Famoso», em especial para os de Braga, um grande abraço.

«Ruilhe»



# CANTINHO DOS RAPAZES

Cont. da 1.ª página

comemos e bebemos com Ele».

Eu encontro neste versículo dos Actos dos Apóstolos fundamento de uma quase canonicidade da mesa; e, com certeza, uma sugestão muito forte para a nossa vida.

De facto, em nossas Casas, em dois momentos nos encontramos todos: na Capela e, todos os dias, na oração da tarde onde quer que a façamos; e no refeitório. São os dois grandes actos de comunidade, da Comunidade toda, que importa ter em consideração e valorizar quanto pudermos. Não deve ser, pois, sem motivo de muito peso e sempre excepcional, que alguém se dispensa deles ou os empobrece pela sua chegada tardia.

Há tempos para tudo e todos eles têm importância no nosso quotidiano: tempo para trabalhar — nas tarefas domésticas,

no campo, nas oficinas ou nas escolas; tempo para brincar — nos lugares próprios para recreio, seja ao ar-livre, seja nas salas de jogos, de televisão ou de leitura; e tempo para nos reunirmos — aqueles dois que já citel.

Se cada tempo for respeitado dentro dos seus limites, não há razão para atropelos, tão ao gosto de alguns que parecem comprazer-se em baralhá-los: brincar na hora de trabalho; fazer o trabalho à pressa na hora das refeições; tomá-las na hora em que outros gozam merecidamente o seu recreio. Assim se frustra a ordem razoável e nomeadamente a riqueza desejada e possível daqueles momentos de grande encontro, um dos quais eu quero hoje realçar: o das refeições.

Pai Américo estimava muito o refeitório e queria que ele jamais fôsse um lugar de

tristeza: «Rir. Que estes rapazes se riam de uma alegria saudável. Que nunca a hora de comer seja vazia. Que a Humanidade se encontre espiritualmente naquele lugar e àquela hora — e o mundo transforma-se sem ser preciso sair cada um do seu lugar. Tudo tão simples! Eu amo tanto, tanto, tanto, as coisas simples!». Ou, então, estoutro desabafo tão belo: «O refeitório dos «Batatas» é o meu refúgio. Quando me parece que vou sucumbir, entro, na hora em que eles estão à mesa, cada um com a sua colher — a colher que o mundo lhes recusou! Ah é tudo verdade! A luz. As flores. O caldo. Eles. Eu.»

Se na breve passagem de Jesus pela Terra, a mesa foi ocasião tantas vezes escolhida para manifestação da Sua divindade; se o próprio Reino dos Céus é assemelhado a um Banquete que o Pai preparou

para celebrar as Bodas eternas do Seu Filho, para as quais todos somos convidados — como havemos nós de conceber festa sem mesa?; e porque não havemos nós de associar sempre um sentimento de festa à mesa de todos os dias? Vamos a isto! Sejamos assí-

duos à mesa em espírito de Caridade. E ela será para nós, não somente causa de robustecimento corporal, mas também exercício de intimidade fraterna, sinal do desígnio de Deus a respeito de cada um de nós.

Padre Carlos

## PARTILHANDO

Cont. da 1.ª página

400 jornais vendidos pelo «Shiéu», agora os dois venderam 300 e poucos jornais! Seria coincidência com a greve de hoje dos transportes?... Ou confirmação de que «antes só, do que mal acompanhado»? Vamos tentar mais uma vez... É a nossa missão! Quem lida com eles não pode desanimar ainda que apeteça, às vezes... Mas também não vou conseguir perdoar 70x7x300...jornais. São contos grandes demais!

Que Ele e eles me perdoem, sim?

● Telefonaram-nos, há tempos atrás, a saber se seria nosso um rapaz que, às dez e meia da noite, andava a vender jornais num restaurante do Porto. A vender uns jornais quaisquer e a pedir para a Casa do Gaiato... E que as pessoas iam

dando dinheiro e bastante.

Os nossos rapazes só vendem o nosso jornal O GAIATO. Em dias certos, horas marcadas e não andam a pedir esmola a ninguém. Cumprem uma missão: vender o jornal a toda a gente de boa vontade! E mais nada.

Ontem, no mercado do Bom Sucesso, outra história parecida que uma senhora me contou: Um rapaz, com jornais debaixo do braço, pedia para uma lembrança que a Casa do Gaiato iria oferecer ao Papa. Boa imaginação a daquele rapaz...! E as pessoas, mesmo adultas, caem!...

É bom repetir alto e em bom som que os nossos rapazes não pedem, na rua, nada a ninguém. Vendem O GAIATO na rua, identificados com um cartão, uma pasta e o jornal.

Padre Moura

## AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª página

que, em 1981, morreram no Mundo cerca de 17 milhões de crianças por falta de assistência e igual número sucumbirá no presente. «Outro ano de emergência silenciosa, com 40 mil crianças a morrerem todos os dias, 100 milhões de outras indo dormir com fome, ficando 10 milhões mais incapacitadas de mente e corpo», refere ainda o citado relatório. Verdadeira hecatombe dir-se-ia, com propriedade, do estado de coisas deste planeta que habitamos, em que o materialismo, a sofreguidão pelo ter, o egoísmo feroz e o dessoramento

moral crescem a cada passo, sem contrapartidas do espírito. Onde estão a generosidade e o sentido da solidariedade que a todos deve envolver?

«Investir na criança é investir no futuro, é preparar um Portugal melhor» — disse o sr. D. António Ferreira Gomes aqui há tempos, a propósito dos problemas familiares. E acrescentou: «A prioridade desse investimento creio que não pode ser contestada por ninguém». Compreenda-se o «investir» a todos os níveis e segundo os mais diversos parâmetros. Entender toda a gente entenderá, aqui e noutros grupos etários, mas fazer é

que as realidades demonstram não ser preocupação da maioria, sobretudo em favor dos mais fracos e desfavorecidos. Não há tempo nem lugar para tal.

**FESTAS** — Terminaram. Uma palavra de agradecimento para todos os que as tornaram possíveis, da Família de dentro e de fora.

Uma referência especial ao grupo de Senhoras de Loures que nos mimoseou com um variado e lauto banquete.

Padre Luiz

## FESTAS

Estamos a terminar a nossa peregrinação de Festas — pelo Centro do País — que tem sabor de romaria. Romaria-convívio com peregrinosromeiros de cada terra. Tem sido uma peregrinação maravilhosa! Todos ajudaram a caminhar e não houve calos nem feridas nem desistências. As salas muito cheias e as merendas muito saborosas e abundantes. Temos visto lágrimas nos olhos, caldeadas com alegria dos corações.

Ainda ontem, no fim duma das Festas, o mais responsável do grupo organizador, que é constituído por muitos professores, respondia a uma pergunta: «Se o senhor padre nos disser para começarmos já a trabalhar para a Festa do próximo ano nós não paramos».

Que saborosas as Festas que não cansam! Sinal que têm o sabor de Sobrenatural. Bendito seja Deus por todas as obras a que nos associa! Bendito seja!

Padre Horácio



Estamos a terminar a nossa peregrinação de Festas que tem sabor de romaria.

## «PÃO DOS POBRES»

Está pronta a 4.ª edição do 2.º volume Pão dos Pobres, de Pai Américo — Recoveiro dos Pobres. E a 3.ª edição do 3.º volume do mesmo título — nas mãos do encadernador — não tardará a ficar também arrumada.

Como muitos Amigos já possuem esta obra completa — e porque se trata de simples reedição — não expediremos o Pão dos Pobres a todos os assinantes da nossa Editorial, só àqueles que no-la requisitarem expressamente.

No entanto, para quantos desconhecem o valor espiritual e, mesmo à distância, a actualidade deste livro — são muitos! — aí vai parte de uma bela página; mas há que «tirar as sandálias dos pés, que é santo o lugar que pisas» — adverte Pai Américo:

«Eu tenho que o segundo volume do Pão dos Pobres sendo, como o primeiro, obra de intuição e de amor, há-de ne-

cessariamente ter a mesma sorte e num instante ser queimado — porque tu mesmo te queimas, ao olhares prò que ele diz.

Assim como foi do primeiro, também com a leitura do segundo hão-de chover cartas dos quatro ventos, em magoado clamor: «Ai Padre, que eu tenho feito tão pouco!»; calorosos «tome lá mais e vá distribuir»; fervorosos «muito obrigado, Padre, pelo prazer espiritual que me deu»; corações feridos na sorte dos Irmãos.

Hão-de chover cartas, sim, porquanto das nuvens também choveu o Justo, como diz a Revelação e canta a Igreja nos dias de Advento...»

Palavras de Vida eterna!

O leitor interessado pode, desde já, solicitar o livro à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
 Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285  
 Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Maio: 53.933 exemplares